

MUNDO GRÁFICO

93
DEPÓSITO LEGAL
7 SET 1944



Agora
que o mar
é azul e o sol
ardente
a mocidade
pratica
os desportos
náuticos

TEATRO DE CRIANÇAS EM INGLATERRA

por LESLEY BLANCH



Um teatro miniatura, sumptuosamente decorado. Centenas de crianças e de colecionadores de tôdas as partes do mundo visitam a pequena loja de Pollock

A Inglaterra possui um tesouro nacional, modesto muito embora e quasi ignorado: uma pequena loja chamada «Pollock's», em Hoxton, perto de Shoreditch, num dos bairros populosos do Este de Londres. É um pequeno estabelecimento escondido numa rua estreita, insignificante, e a sua vitrine apresenta uma curiosa miscelânea de objectos. Vêm-se cadernos escolares, bolas de pano, bonés, laços, pentes, agulhas — mas, por detrás de tudo, alguma coisa que fez a «extraordinária reputação de «Pollocks». É uma série de imagens a preto e a cores que formam o fundo do teatro infantil. Estas imagens representam personagens dramáticas. Eis Othello, rangendo os dentes com ar furioso e uma grande barba. Logo depois, Desdémona e, também, Arlequim e Columbina, Jack o matador de gigantes, o rei Henrique V com a sua armadura semelhante a uma carepaça, montando um cavalo cujas narinas sopram fogo. Há ainda demónios e fadas.

Esta pequena loja de Hoxton é o seu último asilo. Há outros armazéns semelhantes, tais como o de Webb's, não muito longe dali, mas «Pollocks» é o único que mantém a tradição teatral. Há um século, isso era o paraíso das crianças, mas hoje, o que resta do teatro juvenil é, apenas, amorosamente coleccionado por amadores.

Na longa lista das personagens que têm dado vida aos dramas de papel de «Pollock's.» deve salientar-se «Penny Plein and Twopence coloured», de Robert Louis Stevenson, Charles Dickens, Ellen Terry, a grande actriz inglesa, e seu filho Gordon Craig, G. K. Chesterton, Charlie Chaplin, Serge Diaghilev — todos foram fervorosos admiradores do teatro de quatro «sous». Diaghilev nele se inspirou, mesmo, para o seu «ballet» «O triunfo de Neptuno». Conta-se que Churchill, quando andava na escola, não raro juntava novos números ao seu repertório dramático.

Benjamin Pollock, que morreu há alguns anos, passou toda a sua vida na loja. A principio, aprendeu em casa do fundador do estabelecimento, Redington, casou com sua filha, proseguindo, assim, o comércio de seu sogro. A sua pessoa, as suas conversas e a sua maneira de viver lembram muito as personagens de Dickens.

As imagens de Pollock são, geralmente, e por tradição, grotescas mas muito raramente sinistras. São uma mistura da pantomima heróica-cômica, da bufonaria e do sentimentalismo que reinavam no principio do século XIX. Há regimentos de heróis de uniforme escocês, insénuas a desmaiar, «clowns» perseguindo agentes da policia, piratas de aparência terrível, potentados orientais de aspecto importante sob os seus magisteriosos turbantes, etc. Todas as personagens se vendem separadamente, com excepção dos regimentos, das orquestras, dos corpos de baile, onde muitos estão agrupados numa só folha. Vendem-se a um «penny», em negro, e a dois, em cores. As personagens são recortadas, e coladas sobre cartão de lã. É assim que as crianças as fazem representa: os seus papéis nos dramas pronunciando as palavras. Essas palavras, em verso, vendem-se em livrinhos que contêm, ao mesmo tempo, indicações cénicas pormenorizadas, nomeadamente de jogos de luz que é possível fazer.

Os colecionadores presam extraordinariamente as suas folhas, de-



O interior do estabelecimento. Nas prateleiras, dezenas e dezenas de estampas para recortar; sobre o balcão, um teatro armado

(Continua na pág. 29)

REFLEXOS DO MUNDO



O boletim de batalha dos Aliados entusiasma a população francesa

Mascote de guerra

Enquanto o célebre regimento escocês dos Highlanders combatia os alemães na Normândia, entrou no Quartel General uma simpática morena francesa que se ofereceu para servir o regimento.

— «Vim a pé desde Paris para me reunir aos aliados! Não me podem mandar embora. Olhem para os meus pés!»

De facto, tinha os dedos feridos, a sangrar da caminhada feita.

Surgiu um sargento ajudante que imediatamente a incorporou, na sua unidade, como cozinheira. Ela foi a uma herdade próxima, voltando pouco depois com algumas galinhas górdas. Nêsse dia, os soldados do Regimento provaram pratos que nunca tinham sonhado ao entrarem no exército. Muitos lembravam-se da comida de seus lares — saboreando tão agradáveis pitéus.

Durante alguns dias, a rapariga foi a mascote do regimento. Nunca lhe consentiram que tivesse de fachina ao fornecimento de munições como ela desejava. Ocupava-se exclusivamente do rancho. Depois, quando avançaram, deixaram-na numa casa de família. A pequena parisiense chorou muito quando o regimento partiu para a luta em novos campos.

— «Em breve nos encontraremos em Paris», foram as palavras com que se despediu dos soldados.

Deformação profissional

O soldado Brown foi enviado como porteiro para a base de um contingente WAC (Corpo Feminino do Exército Americano).



Decorridos meses, foi chamado à secção das finanças.

— Brown — disse-lhe o oficial de serviço — onde tens estado



Montgomery, o herói, falando aos seus soldados

durante êstes quatro meses? Ainda não recebeste o ordenado dêstes cinco meses.

— O quê?! — fez Brown muito espantado — ainda por cima me pagam?

(Army and Navy, E. U. A.)

A única maneira

Um turista, na América do Sul, entrou numa loja da capital de um pequeno Estado para comprar um relógio de algebeira. O relojoeiro embrulhou o relógio e um revólver.

— Então! — bradou o turista — não lhe pedi o revólver.

Respondeu-lhe o dono da loja: — Porque não? V. comprou um relógio de ouro! Certamente queres conservá-lo, não queres?

(The Forum, Johannesburg)

Uma de Vichy

Um homem muito gordo passava na rua, e dois amigos ficaram a olhar para êle muito pensativos. Disse um dêles:

— Que gordo, que êle é!

— Não admira — comentou o outro — há muitos meses que vive só de batatas.

— Impossível! Só come batatas?

Não, vende-as!

(La Marseillaise, Algéria)

Não matarás?

Segundo os cálculos dos peritos americanos, eis quanto tem custado matar um soldado através dos tempos: no tempo de Júlio César, 17\$50; nas guerras napoleónicas, 75.000\$00; na guerra civil americana 125.000\$00; na grande guerra, 525.000\$00; e na guerra actual 1.250.000\$00.

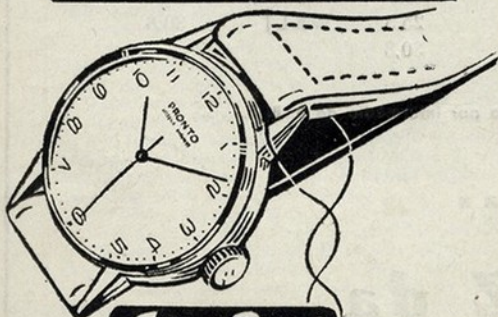
(The Daily Mail, Londres)

★ O optimismo dos soldados ingleses. A tripulação deste tank quando chegou a hora do almoço, para se resguardar do calor e do luz de Itália, descobriu este pitoresco guarda-sol



As inglesas dos Serviços Auxiliares do Exército lavando a roupa dos soldados, na frente do França

PRONTO



Shock Resist



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

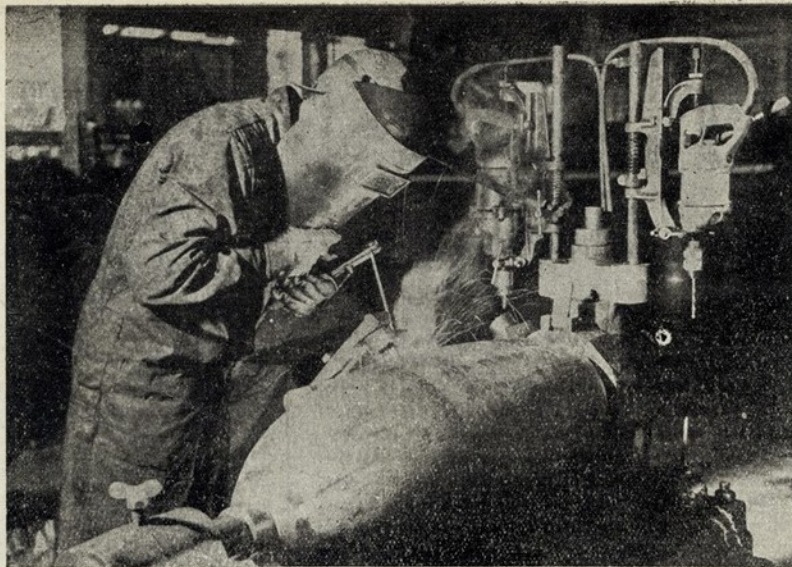
(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
12.45	WRUS	30,9	WRUA	25,4	WKLJ	30,8		
13.45	WRUS	19,8	WRUA	19,8	WGEO	19,56		
14.45	WRUS	25,5	WRUA	25,5	WRIW	25,5	WBOS	19,7
17.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
18.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
19.45	WRUS	19,5	WRUA	26,9				
20.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEA	25,3	WGEX	25,4
a	(Meia hora de programa especial)							
21.15								
21.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WRUL	25,5	WKLJ	30,8
23.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19 e 45 às 20 horas.

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da AMÉRICA em MARCHA



Como eles trabalham no esforço de guerra

A INDÚSTRIA QUÍMICA



É este o símbolo da grande empresa química britânica, IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, mais conhecida em todo o mundo pelas iniciais - I. C. I. - Fundada em 1926 pela fusão das quatro famosas companhias, Brunner Mond & C.º Ltd., Nobel Industries Ltd., United Alkali C.º Ltd. e British Dyestuffs Corporation Ltd., a I. C. I. é actualmente, uma empresa pública com um capital realizado de mais de £ 74.000.000, possuindo em laboração nas ilhas britânicas, nada menos do que setenta e três fábricas que empregam cerca de 130.000 pessoas, A I. C. I. cuja organização de vendas abrange o mundo inteiro, é a maior empresa de produtos químicos existente. A I. C. I. além de ser uma das três maiores empresas de corantes e matérias orgânicas, é uma das maiores produtoras de metais não-ferrosos.

O número de produtos da I. C. I. é enorme.

A I. C. I. não poupa dinheiro ou esforços para assegurar a continuação de intensivas pesquisas em larga escala, que a habilitam a manter-se na vanguarda das suas concorrentes e abre o caminho para grandes descobertas, constituindo a mais segura garantia da ligação entre o trabalho fecundo e hábil do laboratório e característica perfeição do trabalho fabril.

O símbolo da I. C. I. representa o melhor que a indústria química pode produzir.



A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra

O POVO DA ILHA

por ARTUR PORTELA

JOHN SMITH, mineiro da hulha negra de Cardiff e tu, Tedy, que, há cinco anos, na equipa nocturna, trabalhas nos estaleiros do Clyde, e tu, também docker de Southampton, que tens descarregado e embarcado para tôdas as partes do planeta, com rotulos misteriosos, nos porões dos navios, milhares de toneladas de material — todos vós podeis estar satisfeitos com a obra gigantesca que realizasteis, ai na ilha, sòsinhos, isolados, batidos pela mais desfeita e trágica das tormentas da guerra.

Agora, embora a fornalha esteja ainda acesa, seja mais fundo o veio negro do carvão e mais intenso o ritmo da estiva, um largo e animador sorriso, entreluz, entre as bagas de suor, na tua face larga e franca de afável bonomia. Já não é noite, a comprida noite de dois invernos, mas pleno estio, no fulgor ardente da estação e no apogeu da tua alma, que sempre soube ter fé nos destinos da pátria, que os mesmos eram do mundo e nas tuas mãos duras e rudes, mas sinceras e generosas.

Es tu, sem dúvida, operário inglês, o primeiro artifice da próxima vitória. Sem armas, como haviam de combater os soldados? Forjaste-as, sem um dia de trégua, sacrificando tudo, a hora amena do club, o match emocionante de Oxford, as corridas do derby, e até o tradicional chá que, depois da língua e da estrutura politica, é o elo mais aliciante e efusivo do Império.

Trabalhaste sempre, sem saberes, durante largo tempo, qual seria o resultado desse labor, sob os bombardeamentos, separado dos filhos e, muitas vezes, sem lar, contra todos os revezes, todos os prognósticos dramáticos, com uma tenacidade e uma perseverança que são, numa síntese pura, o fundo temperamental da raça e o cunho do sua história.

Como foi possível chegares assim ao fim da tarefa, sem coações, que não admitirias, nem de resto se justificavam, numa recuperação do tempo perdido quando te embalavam com uma paz perpétua, sugeitando-te às mais diversas concessões?

Foi o teu espírito de disciplina expontânea, a tua resolução varonil, o teu optimismo peculiar que alcançaram tão gigantescos resultados.

Nenhum homem, nenhuma mulher deixou de ocupar o seu lugar e agora até os adolescentes, sobre os telhados, seguindo a direcção das bombas inimigas!

Um povo inteiro em armas, livremente, em armas cujo rei, humanizando o simbolo, quiz ser o primeiro soldado e o primeiro marinheiro do Império, partilhando assim os mesmos perigos da sua gente e ficando em Londres — trono grandioso de ruínas — quando Londres era frente de batalha, e a morte, como agora, mas mais terrível, densa e implacável, enchia de escombros e cadáveres as suas ruas.

Pela primeira vez, na história, mercê das armas modernas, a Inglaterra perdeu o seu isolamento, adstricta à Europa, numa vertebração de distâncias que o vôo e a metralha tornaram insignificantes. Era

(Conclue na pág. 28)



GENERAL MORGAN ★

UMA das passagens sensacionais do discurso que o sr. Churchill pronunciou recentemente na Câmara dos Comuns foi, sem dúvida, aquela em que se revelou o nome do homem que planeou a invasão. Poucos conheciam certamente o seu nome antes da revelação do Primeiro Ministro. Mas esse nome alcançou, de um momento para outro, uma celebridade mundial.

Trata-se do major general Frederick Edgarworth Morgan, de 50 anos de idade, com uma existência exclusivamente dedicada à sua carreira. Entrou para o exército pouco depois de começar a primeira conflagração mundial. Fez rapidamente uma reputação de técnico de grande classe na arma de artilharia. Terminadas as hostilidades dedicou-se ao estudo dos problemas estratégicos e ingressou no Estado Maior.

Na primeira fase do actual conflito nunca o nome do major general Morgan foi citado. Não tomou parte em batalhas nem em combates espectaculosos. A sua missão era mais delicada. O major general Morgan estava encarregado de estudar os novos métodos de guerra e de utilizar os ensinamentos fornecidos pelas iniciativas e inovações dos adversários da Grã-Bretanha.

Encarregado de elaborar o plano de invasão da Europa, o major general Morgan constituiu um pequeno Estado Maior de africanistas, tendo como seu adjunto um oficial general americano cujo nome ainda não foi revelado. Esse grupo trabalhou incansavelmente durante cerca de dois anos numa casa de Londres. Mas a sua acção desenvolvia-se no meio dum segredo tão impenetrável que, como acentuou o sr. Churchill, essa foi uma das condições fundamentais do êxito da operação iniciada na Normandia em 6 de Junho.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A Turquia ao lado dos Aliados

A decisão turca de romper as relações económicas e diplomáticas com a Alemanha não deve ter causado grande surpresa. Há muito que a Turquia, país de conhecidas tradições militares, evolucionava claramente no sentido de se aproximar das Nações Unidas. Mas, como o chefe do governo turco, Sarad Jöglu, declarou no discurso que proferiu perante a Assembleia Nacional de Ankara, foi em obediência às suas obrigações contraídas com a Grã-Bretanha em 1939 que a Turquia se decidiu a dar o passo definitivo que lhe assegura uma situação destacada nos acontecimentos que se preparam.

O significado político da decisão tomada pelo governo de Ankara deve considerar-se inequívoco. As suas simpatias eram conhecidas. Mas ninguém ignorava os perigos que rodeariam qualquer iniciativa que porventura tomasse. Essês perigos foram, em grande parte, removidos. Não quer isso dizer que eles tenham desaparecido completamente. Mas diminuíram em tais proporções que bem pode dizer-se que a situação nos Balcãs e no Mediterrâneo Oriental evolucionou no sentido dum esclarecimento próximo.

Não é fácil a política dos Balcãs nem cómoda a política do Próximo Oriente. A Turquia encontra-se, pela sua posição geográfica e pela sua tradição, estreitamente ligada a ambas. Tendo fronteiras comuns com a U. R. S. S. e debatendo-se, há muito, entre os dois países, o problema fundamental dos Estreitos que põem em comunicação o Mediterrâneo com o Mar Negro, a situação turca aparece permanentemente condicionada por uma série de factores que nem sempre é cómodo e que, algumas vezes, não é mesmo possível pôr de acôrdo.

A diplomacia britânica alcançou um êxito assinalado. Os seus esforços exerciam-se incansavelmente há muito tempo para que a Turquia alinhasse ao lado dos Aliados. Os encontros históricos de Adana e do Cairo assinalaram a continuidade e a persistência desses esforços. A Turquia, que na conflagração de 1914-18 combateu ao lado da Alemanha, sentiu como o pêso da derrota há vinte cinco anos mudou o curso da sua história e influiu no rumo dos seus destinos. Neste guerra demonstrou claramente que tinha aproveitado os ensinamentos colhidos.

A Turquia de Kemal Atatürk, que é um país renovado e confiante, adptou uma atitude diametralmente oposta àquela que conduziu o Império otomano à ruína. O povo turco pode, assim, renovar a linha tradicional do seu interesse histórico ao lado da Grã-Bretanha que fez, invariavelmente, da amizade turca, mesmo nas horas em que se encontravam em campos opostos, um dos fundamentos da sua política externa.

A mobilização naquele país pode não revestir-se, por enquanto, de um significado militar, mas é um sintoma, de valiosa importância, que mesmo sob o aspecto expectante, terá uma profunda repercussão. O problema dos Balcãs pode esclarecer-se rapidamente. Os exércitos de ocupação são combatidos pelos jugoeslavos, com denodo e heroísmo, bem como pelas guerrilhas gregas. Marcha-se, pois, a passos agigantados para uma conjugação de forças, na qual se deve incluir o poderoso exército inglês do Médio Oriente, que não fez ainda a sua aparição na cena da guerra, mas constitui uma poderosa e eficiente reserva.

○ OBSERVADOR

Como foi o princípio

A marcha de guerra atingiu o seu ponto decisivo. Desde que as tropas britânicas, sob o comando de Alexander, iniciaram a ofensiva de El Alamein, que viria ter como coroa, a libertação de toda a Africa, as forças alemãs só têm conhecido revezes. Disse-se antes desta luta principiar que o teatro do Mediterrâneo teria uma importância capital. Foi a marcha dos britânicos através dos desertos da Líbia e da Cirenaica, que permitiu abrir as portas da Itália e, atraindo ali forças, permitiu desfechar no momento oportuno, o audacioso golpe sobre a fortaleza europeia, na Normandia. O resto da guerra seguirá como que um curso linear.

Já não é preciso prever: as realidades adquiridas, são mais seguras e brilhantes.

A batalha da França

Luta-se neste momento, pela libertação da França. Eisenhower e Montgomery têm nas suas mãos os melhores e mais bem apetrechados exércitos do mundo. A tomada de Cherburgo, e dos outros portos da península bretã, aceleram, em condições normais, o desembarque dos milhões de homens, que estão na Grã-Bretanha, esperando, impacientes, a hora do combate. De Gaulle anunciou já a próxima chegada ao seu país de corpos de exército franceses, eficientemente motorizados, a quem caberá em parte, a glória de entrar em Paris.

A batalha da França deve atingir o seu termo ainda este verão. As coisas marcham muito bem e depressa. Pergunta-se agora: chegar-se-á a travar a batalha da Alemanha?

Mapa da guerra

Coisas de que já não se fala: guerra submarina; «raids» da Luftwaff à Inglaterra; fortaleza europeia; neutralidade turca; conquista do Egipto; invasão alemã a leste; fome na Grã-Bretanha; inexpugnabilidade da Sicília; linhas Maret, Gustavo, Hitler, Gótica e outras.

Os nomes agora são outros: Saipan, Varsóvia, Kaunas, Livorno, Florença, Cherburgo, Brest, Mars, Nantes, St. Nazaire, Paris — e todos os outros que o leitor indulgente e atento ao curso da conflagração quiser juntar à nossa pequena lista, actualizando-o, assim, seu mapa de guerra.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Editor: ROCHA RAMOS

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa do Oliveira, à Estréla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Canadianos em acção nos campos de batalha da França

A QUINZENA DECISIVA



Quando os tanks ingleses entram nas cidades da Normandia, são assim recebidos

DURANTE três dias, que ficarão assinalados na história desta guerra, de 28 a 30 de Novembro de 1943, reuniram-se em Teherão os representantes das três grandes potências que, pela sua atitude e pelo seu poderio militar, se encontravam naturalmente designadas para realizar a vitória no campo de batalha. O comunicado oficial da Conferência era um documento lacónico. Acentuava, porém, com uma decisão, que não poderia deixar ilusões no espírito de ninguém, que se havia chegado a perfeito acôrdo quanto à condução das operações indispensáveis para alcançar a vitória, rapidamente. A Conferência assistiram os representantes mais categorizados dos seus Estados Maiores.

O plano de acção comum concertado na Conferência de Teherão, e cujas linhas gerais não tardariam a revelar-se, era, sem dúvida, o mais ex-



Esta granada de morteiro vai ser lançada sobre o inimigo



tenso e pormenorizado que um grupo de nações em guerra alguma vez teve de encarar. A diferença de temperamentos característica entre essas nações constituía uma esperança para o seu inimigo comum. Seria ela susceptível de impedir que se estabelecesse para a realização dum vasto plano militar o indispensável acôrdo entre os interessados?

Nessa altura, a muralha do Atlântico era considerada inexpugnável e a criação da segunda frente tida com uma impossibilidade material. A frente a leste apoiava-se em poderosos sistemas fortificados e em enfrentar divisões da Wehrmacht. A campanha de Itália não atingira ainda o auge.

Quando e como seria posta em prática a estratégia assente em Teherão? Ia ela corresponder à expectativa geral criada à sua volta? A medida que a primavera decorria e os preparativos militares se intensificavam por toda a parte, tornava-se claro que a grande ofensiva dos aliados assumiria proporções esmagadoras e que o seu resultado não oferecia dúvidas.

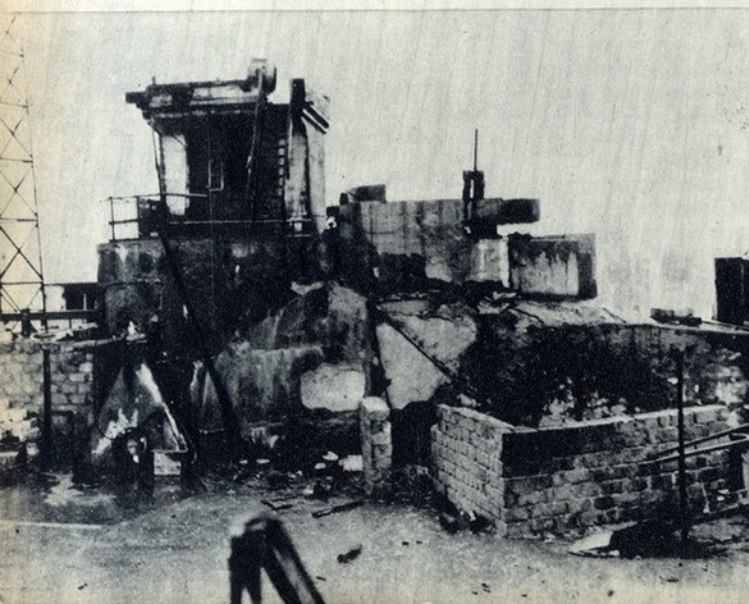
Em 9 de Fevereiro de 1944 a ofensiva começou a tomar forma.

(Continua na pág. 29)

Churchill, em Caen, com os generais Dempsey e Montgomery

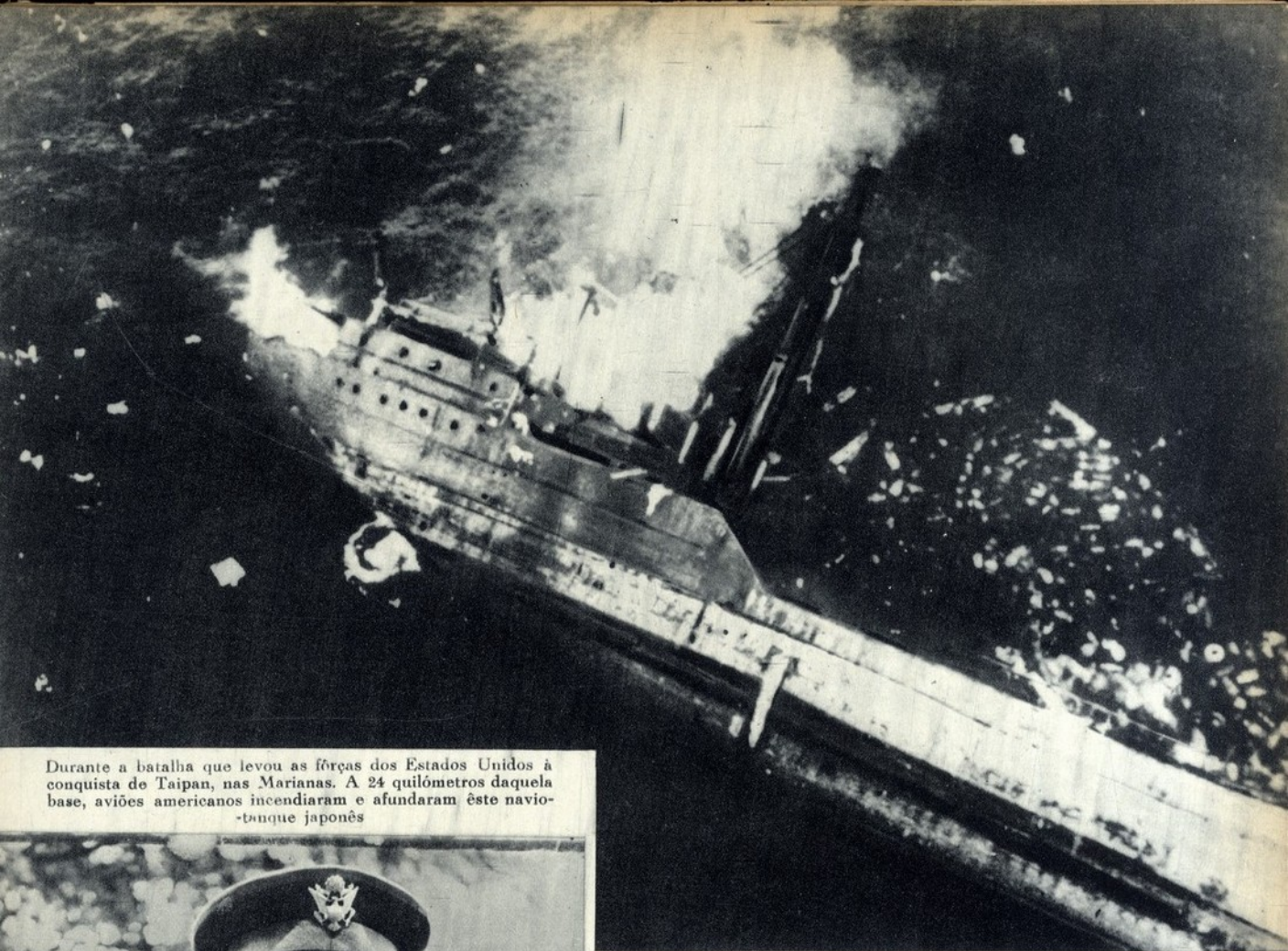


As tropas inglesas numa estrada que conduz a Florença



Uma coluna de abastecimentos americana atravessa Isigny a caminho da frente

← As fortificações de Cherburgo que caíram nas mãos dos americanos



Durante a batalha que levou as forças dos Estados Unidos à conquista de Saipan, nas Marianas. A 24 quilômetros daquela base, aviões americanos incendiaram e afundaram este navio-tanque japonês



O heroico general Eisenhower, comandante-chefe das forças das Nações Unidas que, numa operação sem precedentes, desembarcaram em França e estão, agora, na estrada que conduz a Paris. A conquista de Saipan. Soldados americanos avançam, em perseguição dos japoneses →

A campanha dos americanos no Pacífico pode considerar-se notável. A uma estratégia superiormente conduzida, numa área vastíssima, alia-se a audácia das suas forças militares. Sucessivamente, os americanos têm-se apoderado de todos os pontos vitais, aproximando-se com flagrante rapidez do Japão.

Campanha difícil, de aspecto anfíbio, ela já tocou fundo o potencial do inimigo.

A conquista de Saipan é decisiva. Dali os aviões yankees bombardearão as Filipinas e o arquipélago nipónico. Pode dizer-se que essa pequena ilha das Marianas, é a chave do Pacífico. A sua conquista marca uma nova fase na luta — a fase final.

A CONQUISTA DE SAIPAN





Depois da conquista de Caumont, na Normandia. Prisioneiros alemães seguem para o reataguada entre blindados



Em todos os pontos da frente francesa se vê material pesado alemão desmantelado. Este blindado germânico foi destruído pelos projécteis anti-tanks



Sete Ventos, na Normandia, já pertence à reataguada aliada

A CAMINHO DE PARIS



Montgomery lança nova ofensiva, ao sul de Caen. De madrugada, a artilharia começou a sua barragem e o ataque foi desencadeado imediatamente

INGLÊSES e americanos estão agora em plena estrada de Paris — a uma centena de quilômetros da capital francesa. E, se não nos esquecermos de que os bravos soldados das Nações Unidas que lutam na Normandia cobriram, em dois dias, os duzentos quilômetros que os separavam da grande base naval de Brest, poder-se-á esperar que, de um momento para o outro, as bandeiras dos aliados flutuem no centro espiritual da França.

A importância estratégica da ofensiva aliada, em França, está, porém, mais solidamente definida nas operações que se desenrolaram a ocidente, cortando os alemães na Bretanha, com a chegada ao Loire, e ocupando as principais portas do mar dessa península. Brest tem excepcional importância para o desenrolar de futuras operações — tal como Cherburgo, logo no princípio da campanha. A luta entrou na sua fase mais acelerada, o que, evidentemente quer dizer na sua fase decisiva.



No alto da Serra da Estrela, este quadro de admirável beleza e pureza rústica

COMO SE VESTE PORTUGAL

CERTA vez viajando com um ilustrado norte-americano que havia corrido as quatro partidas do mundo, ouvi-mos da sua boca esta frase que nos envaldeceu e atingiu o nosso sentimento patriótico: — «Portugal é dos maiores países que conheço» — disse-nos.

Se bem que a referência fôsse para nós envaldecidora não a aceitámos em absoluto sob o seu aspecto de verdade. Embora agradecidos, arriscámos: — Sim, talvez, grande nos feitos, mas territorialmente pequeno.

— Que não — objectou-nos. Portugal é tão grande que dentro dele cabem muitas parcelas e aspectos de outras nações. E exemplificou:

Os pescadores vão para o mar banzeiro, com as suas violas e as suas canções





— Os portugueses podem, sem ter de sair da sua terra, admirar vários países... Põe em dúvida o que afirmo? Pois acredite que é assim mesmo. Quere recrear a vista numa paisagem alpina?

Podem encontrá-la a poucas horas da Capital: na Serra da Estrêla, onde a neve eterna corôa de brancura alguns dos seus montes. Sentem necessidade de contemplar as tranqüilas paisagens da Holanda onde tudo é suave à luz crepuscular? Podem observar na região de Aveiro esse quadro de luz amortecida.

Não conhecem o horizonte infinito das intermináveis estepes? Porque não contemplam as campinas ribatejanas e as escaldantes planícies do Alentejo? E Trás-os-Montes com a nobreza rígida das suas penedias e as Beiras decoradas de serras recortando-se imponentes em céus algodoados?

Mas no que Portugal é inimitável é na multiplicidade dos seus trajes.

Estamos neste momento a recordar o que, há já a alguns anos, ouvimos àquele companheiro ocasional de viagem. E concordamos que ele tinha razão. Depois ele não ignorava muitas

coisas que vários portugueses desconhecem.

Com efeito, a indumentária usada pelas nossas gentes é uma verdadeira sinfonia de cores e de elegância! Quem duvida da linha airosa de um vestido policromo realçando a graça de uma rapariga minhota? E o talhe hierático das vestes das mulheres de Trás-os-Montes? E a graciosidade das nossas tricanas: das de Coimbra com as de Aveiro? e de outras províncias; de tôdas, enfim!

Não sabemos se os elegantes que vemos, à hora do chá, pelas ruas da Baixa ou no Chiado, copiam perfeitamente os últimos modelos de Londres e de Nova-York.

Mas, por muito actuais e modernos que esses toucados sejam, quere-nos parecer que há neles um tanto de forçada adaptação.

Não se dá, porém, esse caso em referência às vestes das tradicionais gentes do povo.

As elegantes da cidade imitam o que a moda lhes decreta e impõe.

Ao passo que as raparigas do povo põem na policromia dos seus vestidos

(Continua na pág. 30)



O corridinho do Algarve é sempre escutado com interesse. Os seus intérpretes não têm uma indumentária especial, mas têm uma expressão característica

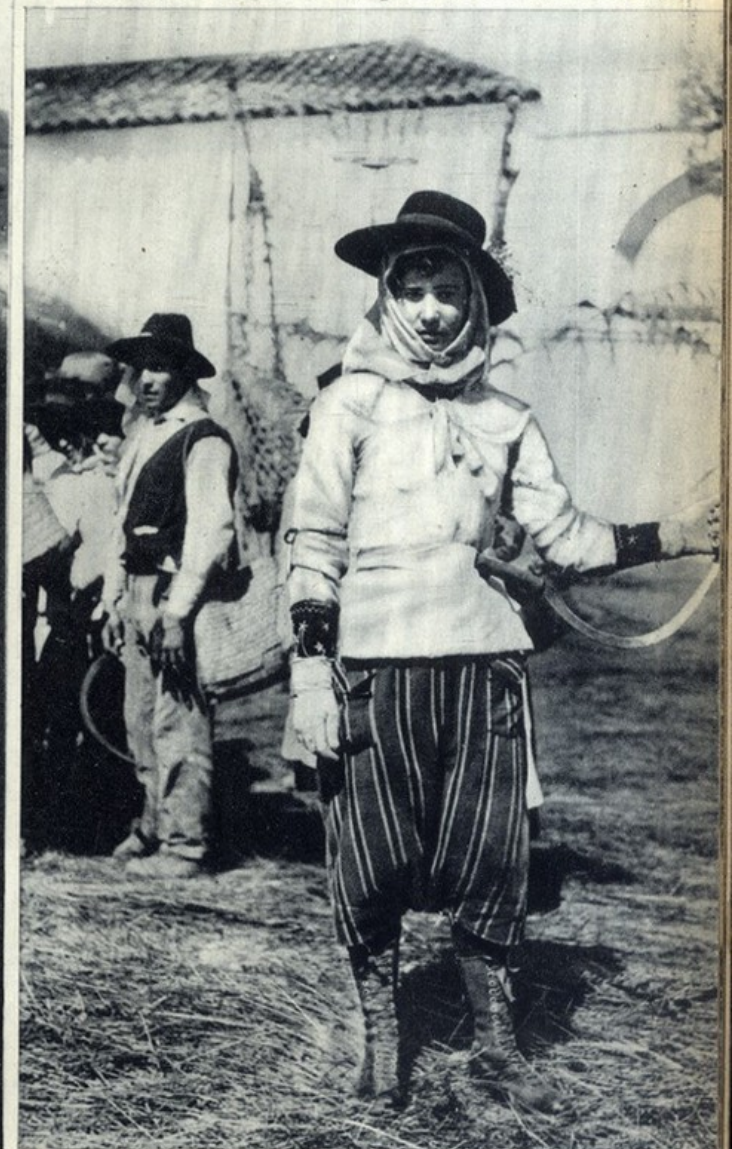


Os almocreves do Alentejo: safões de plica e as cangalhas tão curiosos do burro, de estilo arabe

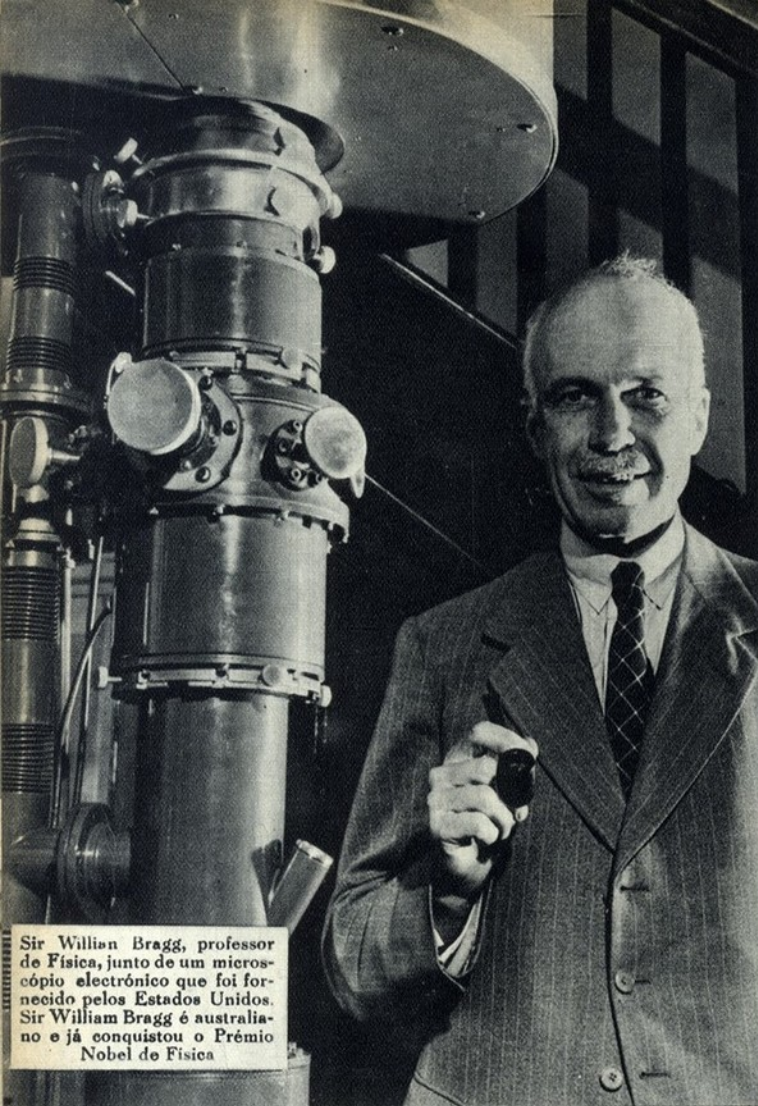


Os bois vêm à feira, onde são vendidos, agora, por bom preço. Um moço de Alentejo, de feições energicas e olhar inteligente, que deu um bom plano fotografico

E nos dias de festa, seja qual for a provincia de Portugal, eles e elas, com as suas dansas de roda e os seus cantares, enchem de alegria os campos ridentes da nossa terra



A ceifeira alentejana, autentica flor dos campos, com as saias apanhadas para mais facilmente andarem por entre as searas



Sir William Bragg, professor de Física, junto de um microscópio electrónico que foi fornecido pelos Estados Unidos. Sir William Bragg é australiano e já conquistou o Prémio Nobel de Física

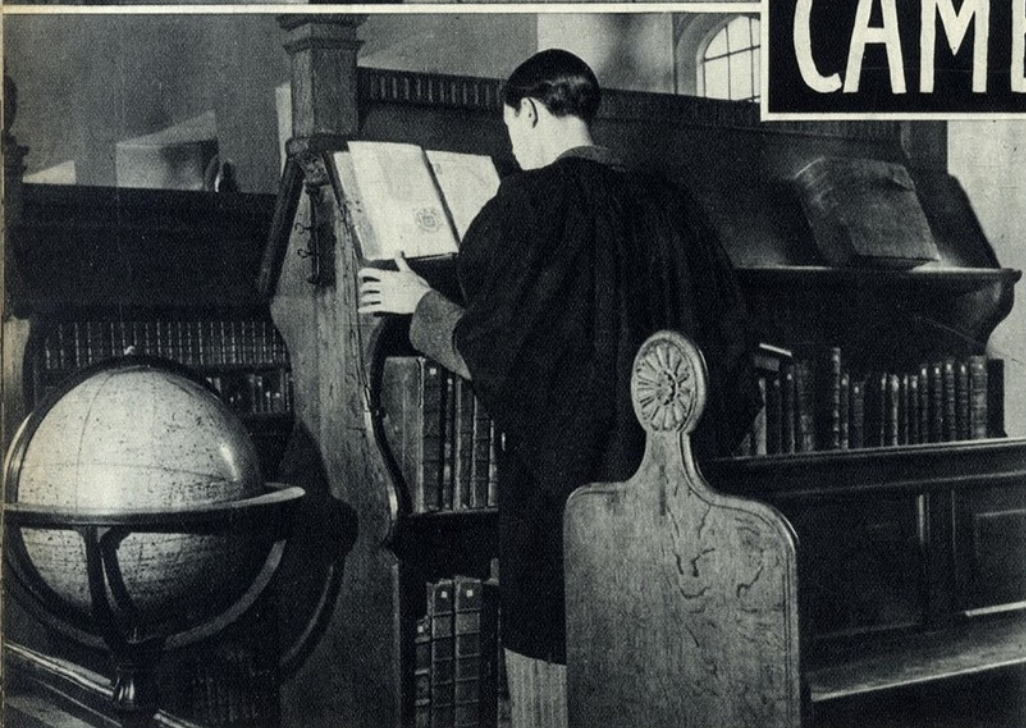


Este é o King's College, um dos mais belos de Inglaterra. Foi fundado em 1441 e possui uma capela magnífica



Um dos alojamentos, para estudantes, do Colégio de Peterhouse, fundado no século XIV. Um grupo de alunos do século XX, prepara uma refeição

CAMBRIDGE



A biblioteca de Trinity Hall, com as suas obras da Idade Média. Trinity Hall é o único colégio de Cambridge que conserva o antigo nome de 'hall'

REMONTA ao ano de 1225 a fundação da Universidade de Cambridge. Ela foi, provavelmente, resultado de uma dessas migrações periódicas que caracterizaram a vida académica medieval e, neste caso, migração ida de Oxford. Qualquer que seja a causa a Universidade de Cambridge começou a desenvolver-se gradualmente no século XIII. A congregação de mestres capazes de ensinar atraía, gradualmente, os estudantes. O primeiro colégio fora fundado em Peterhouse em 1284. A esta fundação seguiram-se outras, nesse século e no seguinte. Em 1596, havia dezasseis colégios e, depois, mais um, o de Downing, criado em 1800, foi incorporado na Universidade. Em Cambridge, não são admitidas mulheres como membros da Universidade, se bem que tenham sido estabelecidos dois colégios femininos, Crishon e Newham, no século XIX, podendo os

(Continua na pág. 30)

SMAGESTADE o Rei Jorge VI depois de ter visitado o quartel general de Eisenhower, na Normandia, percorrendo tôda a frente, onde os seus soldados o receberam com apoteóticas aclamações, esteve nos campos de batalha da Itália. Desde o princípio da guerra que o Soberano inglês se mantém na primeira linha de fogo. Quando da batalha de Inglaterra, o Rei e a Rainha Isabel continuaram em Londres e não raro percorriam as ruas de todos os bairros da capital, correndo os mesmos riscos dos mais humildes dos seus subditos. No seu avião, Jorge VI tem acompanhado sempre os seus soldados, onde quer que êles se batam. Êle é o próprio espírito da Inglaterra que os anima.

Agora, no continente italiano, a milhares de quilômetros da Grã-Bretanha, Jorge VI, em pleno campo de batalha, condecorou oficiais e soldados que se distinguiram na fulminante ofensiva que o general Alexander comandou, para a libertação da Itália.



S. M. o Rei Jorge VI, com os generais Maitland Wilson e J. L. Devers chega ao Palácio de Caserta, em Roma, para assistir a um jantar em sua honra, oferecido pelo general Alexander



Depois de uma visita de inspeção à base de Nápoles, o soberano inglês visitou a frente, de avião, em um de cujos aeródromos era agurdado pelo general Alexander

Jorge VI passou revista às tropas indianas do 8.º Exército e condecorou alguns oficiais e soldados →

O REI NA ITALIA



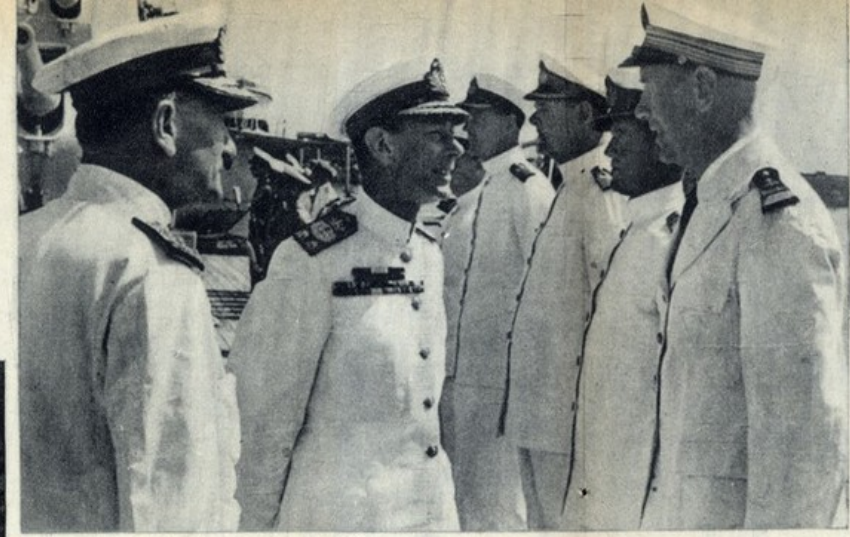
**A
EVACUAÇÃO
DAS
CRIANÇAS**



**O
AVANÇO
NA
FRANÇA**



A aviação inglesa destrói todos os pontos de comunicação inimigos na França ocupada
As crianças são evacuadas de Londres. Tôdas sorriem como se fôsem para férias



S. M. o Rei Jorge VI, que recentemente esteve em Itália, passando revista às tripulações dos navios aliados fundeados em Nápoles

**TROPAS DE CHOQUE
FRANCESAS**



Um soldado de tropas de choque francesas, com os olhos vendados, desmonta e monta uma metralhadora Bren

A INVASÃO PROSEGUE



As chuvas torrenciais na frente francesa não impediram o avanço dos ingleses e americanos



Em qualquer parte se improvisa uma sapataria. É soldado inglês, num acampamento em França, conse as botas dos seus camaradas

CONDECORADA



A viúva do capitão Wilkinson, que morreu num acidente de aviação, recebe a Estrela de Prata por feitos heróicos. O seu marido tomou parte em 103 combates e missões, destruindo numerosos aviões inimigos

**DOIS PEQUENOS
FRANCESES
E A SUA
MASCOTE**



Um prisioneiro
O sargento americano Ralf Golik depois do combate, brinca com duas crianças francesas, às quais oferece o seu cão-mascote, que levou de Inglaterra

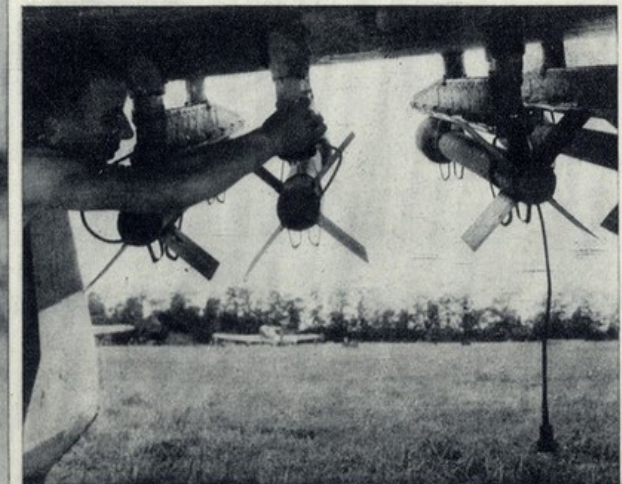
**O DIA DA
BASTILHA**



Os generais Alexander, Clark e Juin, bem como diversos diplomatas, assistindo em Siena, no dia da Bastilha a uma cerimónia tradicional italiana



Um soldado da R. A. F. transportando uma bomba foguete. Com o calor, compreende-se a simplicidade da indumentária



Um curioso aspecto de um avião inglês equipado com bombas foguete



Tropas francesas que fazem parte do 5.º Exército que combate em Itália. Ei-las num «jeep», atravessando as ruas de Siena em festa



Depois de terem abandonado o «San Diego» remaram tôda a noite, lutando contra furiosa tempestade

UM FILME INGLÊS

EXIBIU-SE, recentemente, em Londres, um filme que constitui uma epopeia de realidade e de aventura. É dedicado a dezasseis bravos e intrépidos tripulantes do petroleiro inglês «San Demetrio», que conseguiram trazer o navio a salvo depois d'ê ter sido atacado e incendiado em pleno Atlântico.

O argumento, verídico, conta a história do «San Demetrio» que, no outono de 1940, largou para a América onde ia buscar carregamento de gasolina. Depois da carga completa e de ter incluído na tripulação um americano, o «San Demetrio» fez rumo a Inglaterra, incorporado num combóio. A 900 milhas da costa inglesa surgiu por bombordo um cruzador de algibeira alemão, o «Von Schær». O navio de escolta, o valente cruzador auxiliar «Jervis Bay», antigo barco mercante armado de peças de curto alcance, dirigiu-se a tôda a força das máquinas para o cruzador inimigo, procurando com o seu heróico sacrifício dar tempo ao combóio para dispersar, mas foi atingido várias vezes e afundou-se. O «San Demetrio» foi também atingido e incendiou-se. Em face do perigo iminente de explosão, o comandante ordenou à tripulação que abandonasse o barco. Dois dos salva-vidas foram rapidamente recolhidos. Na segunda noite, os homens avistaram ao longe, um barco em chamas. Ao aproximarem-se verificam, com espanto, ser o próprio «San Demetrio» e decidiram tentar a perigosa aventura de voltar a bordo. Mercê dum trabalho exaustivo e temerário, conseguiram dominar as chamas e reparar as máquinas e iniciaram a penosa viagem para Inglaterra, sem quaisquer instrumentos náuticos, visto o fogo tudo ter destruído. Oito dias depois, o «San Demetrio» chegava ao Clyde, com a sua preciosa carga de combustível praticamente intacta. Em consequência das circunstâncias excepcionais em que a viagem de retorno foi levada a cabo, o Tribunal do Almirantado atribuiu à intrépida tripulação 14.700 libras de salvação. Nunca dinheiro algum foi tão árduamente ganho, nem tão justamente merecido.

A única vítima, entre os tripulantes, foi um mecânico, de nome Boyte, encarnado no filme por Mervyn Johns

Quando voltaram ao «San Diego», ainda o barco estava em chamas. Conseguiram, porém, dominar o fogo e salvar o carregamento de gasolina



A MULHER E O MAR



O pôr do sol e o arrear das velas

COM este sol que espalha às mãos chelas a sua luz sobre o rio, as tagides doiradas do Épico, como que emergem das ondas de cristal, e, nadando, ou a bordo dum barco, de vela içada, branca como uma aza, vá de conquistar a grande artéria fluvial, ao encontro do mar, embragado de espumas estivais.

Sempre as mulheres andaram, pela sua beleza, ligadas ao mar. Não encantavam as sereias, os argonautas de Homero, com os seus brandos e aliantes queixumes de paixão? A Madeira, que parece uma *corbeille* de flores, vogando no Atlântico, não foi para Camões, a Ilha dos Amores? E as nereides, que levaram, através do oceano, as nossas caravelas, sobre as suas espadas maravilhosas de alabastro?

A tradição mantém-se. A mulher enamorada do mar, beija-o com os seus braços, cortando o ritmo da onda ou, então, num *yacht*, enxárcias batidas pelo vento, torna-se uma audaciosa marinheira, — recreando em beleza, a Vitória de Samotracia, na qual os helenos glorificaram o mar.



O barco parece deslizar numa esteira de diamantes

A tripulação de um atroso late. As tagides ressuscitaram



terra já fica distante e a vela enfiada pelo vento freme na impaciência dos grandes cruzeiros



A vista de Cascais. O barco vai aproar depois de uma viagem feliz



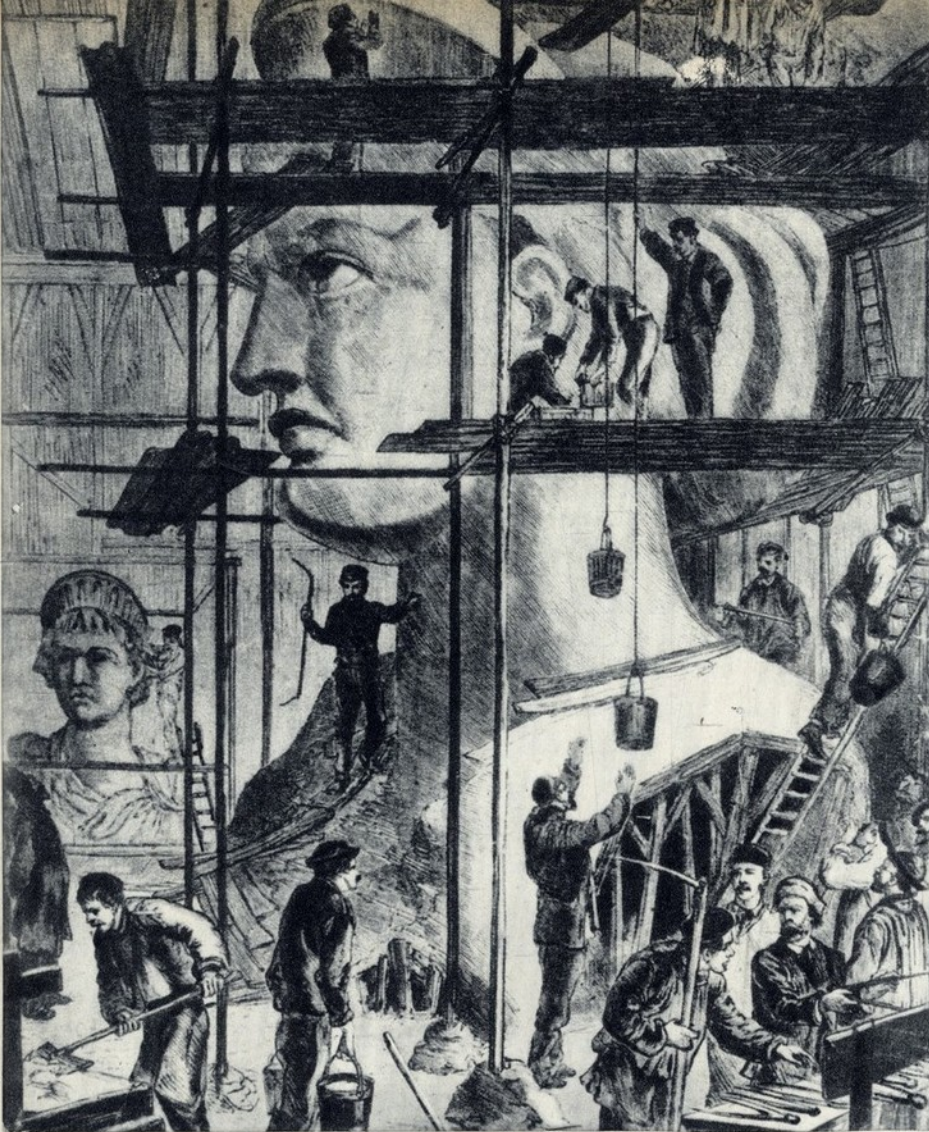
A carícia das águas que se desfazem em beljos de espuma.



O regresso do mar alto



Actima gageiro, já vejo terras de Espanha, arelas de Portugal...



A modelação da cabeça da estátua. As dimensões são grandiosas: 8 m e 50 cm. do pescoço ao diadema.

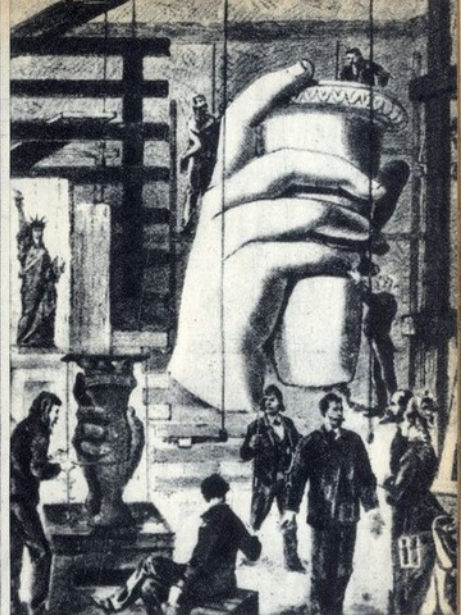
HISTORIA DUMA ESTATUA



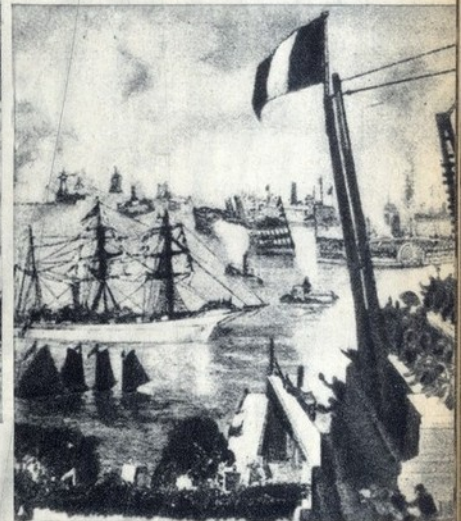
O facho fica a uma altura de 110 metros e tem um varandim que as pessoas podem visitar.

TÓDAS as estátuas têm uma história. O gigante que se levanta à entrada do porto de Nova York, é obra de um alsaciano, Augusto Bartholdi, que o destinava a embelezar a capital do seu país. Mas o monumento, como ele o visionava era enorme para o seu tempo — 1860. Maior que o século, excedia em audácia todas as construções até então levantadas pelos homens no decorrer de milénios. O escultor correu todos os ministérios franceses, pedindo os capitais necessários para a sua gigantesca concepção. Nos primeiros momentos ouviam-no com curiosidade, mas depois, à medida que ele, em palavras calorosas, vibrantes, erguia a seu colosso que, sem pedestal, nem soclo, atinge 46 m. 08 de altura, com um peso de 200 mil quilos — oitenta mil de cobre e cento e vinte mil de ferro — olhavam-no, suspeitosamente, como se estivessem em frente de um alienado. Mas Bartholdi, que tinha a tenacidade alsaciana, não desistia do seu propósito. Chamavam-lhe insensato, mas o

(Continua na página 29)



A construção da estátua no «atelier» de Bartholdi. O modelo, que se vê ao fundo, de 2,11 m. de altura, foi aumentado muitas vezes. Vê-se o escultor entre visitantes



A chegada do «Yser» a Nova York com diversas peças que constituiram a estátua. A mão da Liberdade tem 4 m e 30 cm. de altura, o index, 2 m, com 50 cm. de diâmetro



A montagem da estátua. Os operários parecem formigas nesta colossal montanha esculpida

FIGURAS E FACTOS



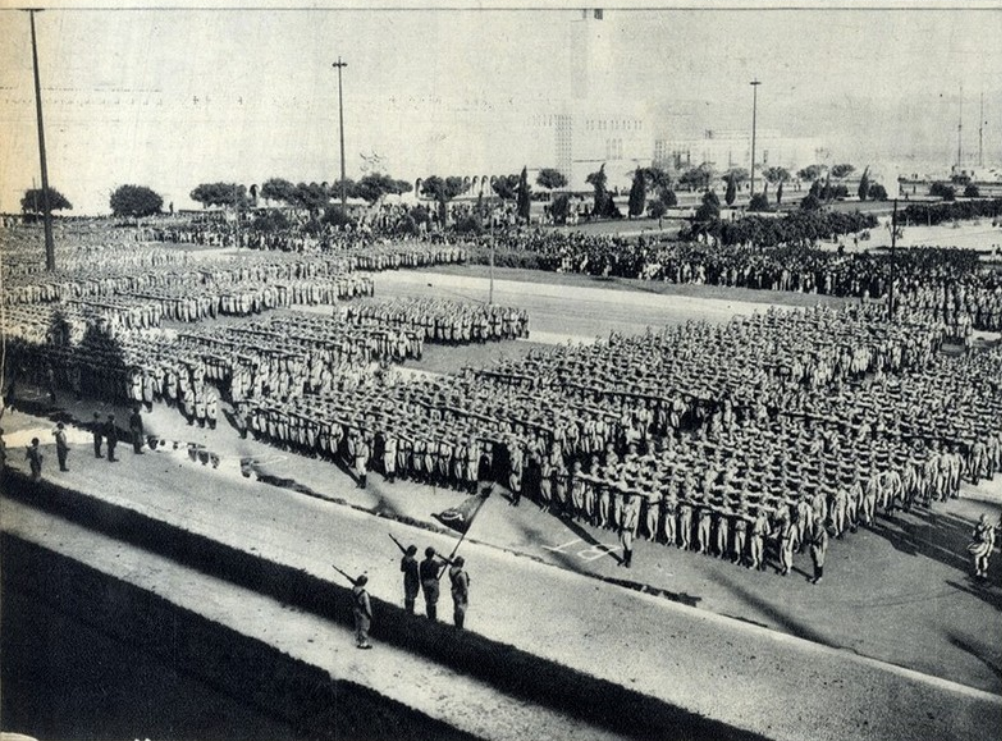
Os Chefes do Estado e do Governo assistindo, de uma das janelas dos Jerónimos, à cerimónia do último juramento de bandeira, na Praça do Império



Subditos ingleses, vindos dos campos de concentração da Alemanha e dos países ocupados, prestam homenagem aos mortos da Grande Guerra, junto do monumento da Avenida de Liberdade



Filiados da Mocidade Portuguesa que seguem em cruzeiro, no «Sagres», despedem-se do sr. professor dr. Marcelo Caetano, comissário nacional



Os recrutas da guarnição militar de Lisboa, formados na Praça do Império, no momento de jurarem bandeira



O casamento da Sr.^ª D. Maria de Lourdes Mauricio com o sr. Fernando Augusto de Freitas Branco Bonvalot do Nascimento



A personalidade e a familiaridade de Churchill. O grande ministro inglês visita frequentemente as tropas das Nações Unidas, que se encontram em França. O seu pensamento, como o seu charuto, ardem sempre. Ei-lo, nas estradas da Normandia num «jeep», mais optimista do que nunca

CHURCHILL, O "JEEP" E O CHARUTO



No sub-solo de Caen. Muitos habitantes daquela cidade, refugiaram-se nos subterrâneos. Quando os ingleses ali entraram celebraram-se missas, nos refúgios em acção de graças



Batalha da França. A irresistível ofensiva inglesa em marcha sobre Caumont



Depois da vitória. Outro aspecto dos subterrâneos, onde a população de Caen se refugiou, que lembra as catacumbas romanas, onde os primeiros cristãos praticavam o culto



Um quadro de guerra da extraordinária artista Laura Knight. Esta tela, encomendada pelo Governo britânico em 1940, representa duas raparigas dos Serviços Auxiliares Femininos da R. A. F. condecoradas com a Medalha Militar por excepcional bravura durante a Batalha de Londres

OS PINTORES BRITANICOS NA GUERRA

por Kenneth Monkman

QUANDO estalou a guerra, os quadros de valor dos museus britânicos foram guardados em lugar seguro, no campo. Muitas pessoas pensaram que os pintores voltariam as costas à guerra e continuariam a utilizar os modelos habituais: as flores, os animais, a paisagem, a figura humana, etc.

Mas a guerra actual é diferente de quantas a precederam na história. Não somente as armas são mais rápidas e mais terríveis, como todos nós fomos absorvidos por elas. Podemos observar, além disso, o que a guerra pode produzir de grande: a valentia indômita de homens e mulheres vulgares, a energia, a



Outro artista moderno: Stanley Spencer. Eis um dos seus quadros da série intitulada «Construções Navais no Clyde», representando soldados sobre o costado de aço de um navio

abnegação e o espírito de camaradagem entre aqueles que sentiram semelhante provação.

Ninguém é mais sensível a essas provas do que os artistas. É apanágio de artista sentir e ver as coisas mais clara e profundamente do que os outros e traduzi-las em seguida a-fim de que o seu semelhante possa tomar parte nessa visão e nesses sentimentos.

É por isso que, em lugar de voltarem as costas à guerra, os artistas ingleses foram estimulados por ela. E, nos seus quadros, há chamas e ruínas, aviões evoluindo como aves loucas no céu azul, multidões nos abrigos, mulheres construindo carros e bombardeiros nas oficinas — tudo não como todos vêem mas como eles sentem.

Entre os jovens artistas, muitos foram incorporados nas forças armadas; outros pertencem às equipas de sapadores-bombeiros e da defesa passiva. Mas todos continuam a pintar.

Os consagrados, aqueles cuja reputação já estava formada, foram contratados pelo Governo britânico como pintores oficiais de guerra. Alguns estão no mar, a bordo dos navios de guerra; outros, vivem nos aerodromos; outros, ainda, estão em França ou no Médio Oriente. Um dos

(Continua na pág. 29)



Outro quadro de Laura Knight. São raparigas dos Serviços Auxiliares da Aviação trabalhando em envólucros de balões de barragem

PAGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

CRIAÇÕES QUE SE VÊM NA NOSSA TERRA

Na passada estação, os chapéus eram minúsculas coisitas engraçadas que mal pousavam na cabeça. Hoje, têm muito mais volume e alguns até encaixam bem, não falando nos turbantes, que já vão passando.

Imperam as capotas de palha, as *cloches* quasi como as de 1900 as *togues* adornadas com flôres, os "palhinhas" das primeiras ciclistas, com veu, os *canotiers* que elas também usavam e que são, hoje, adornados com laçadas. Já apareceram as *capelines*, muito grandes. Em geral, são brancas, adornadas algumas com feltro ou veludo preto.

A profusão de flôres é enorme.

E nascem os *piropos*. Talvez o mais gracioso fôsse este: a Nina levava um capota cobertinha de rosas e glicínias. O Zé Vilas-Boas olhou para ela e sussurrou, em surdina: — Quem me dera ser abelha!...

Os costureiros vão atrás do alacre colorido dos chapéus. Assim, *Jeanne Lanvin* parece ter pôsto, na sua paleta, as variegadas tintas dos pássaros do Sul: fúcsia, turquesa, gerâneo e, sobretudo, o verde brilhante, que prevalece.

Schiaparelli adopta o *capucine* sobre preto e azul pálido e cereja sobre castanho.

Paton liga o verde com o azul pastel. E também o gris com o verde esmeralda. Eles são os pintores — as mulheres os quadros. Cuidado: é preciso possuir um tacto extraordinário para escolher cores — senão a porta da drogaria é irremediável e lamentável escolho...



Um elegante vestido de noite enquadrado num ambiente de requintado bom-gôsti segundo modelo do Harper's Bazaar, de Londres



Casaco para passeio com chapéu preto e branco — outra criação do Harper's Bazaar

Gaby
COUTURIER

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
Telef. 4 3735

Modèles Parisiens

LISBOA



Saia e casaco para a tarde, com um «feltro» desportivo

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18



Swing
nally

APA

UM PERFUME MODERNO

A utilidade dos concursos

TODOS sabemos que muitas vezes nos concursos, seja qual for a sua natureza, nem sempre o candidato que mais atributos possui para o lugar a que se propõe é o escolhido.

Recorda-nos ter lido que um dia Gorki e Chaliapine — que foram amigos íntimos — num momento angustioso de crise, e após esperanças e hipóteses de jantares, passaram à porta de um teatro onde estava afixado este cartaz: «*Escritas, precisam-se*».

Era a esperança, a vida. A certeza de uma cama e a realidade de uma ceia.

Foi-lhes exigido um exame sobre as suas possibilidades cantantes.

Gorki, possuidor de uma voz fraca e roufenha, foi admitido para fazer parte do grupo coral. Chaliapine, um dos maiores cantores do mundo, foi recusado... por insuficiência de recursos vocais.

Um novelista inespereado

CONTA-SE que uma vez um grande escritor de fama mundial, cujo nome não é de momento indispensável citar, se perdeu uma noite em turbulenta boémia por uma cidade da província.

A sua falta de compostura quebrou os costumes patriarcais do tranqüilo burgo provinciano. O facto, como é lógico, provocou a intervenção da autoridade da terra que deu voz de prisão ao escritor boêmio e o conduziu ao cárcere.

Em cumprimento da sua occupação a «*autoridade*» em questão interrogou o detido:

— Como se chama?
— O preso respondeu-lhe imediatamente.
— Sou... e citou o nome do célebre escritor, que era, aliás, o seu próprio nome.

Logo o captor quis saber:
— E' parente do escritor X?
— Não. O escritor X, sou eu próprio.
— Ora deixe-se de vaidades e não seja mentiroso.

— Afirmo-lhe que sou eu mesmo.
— Prove-me que é o escritor X — insistiu o mantenedor da ordem.
— Dou-lhe a minha palavra de honra...
— E' pouco para mim.

Não tenho outra maneira de o provar.
— Tenho eu! — Exclamou a «*autoridade*», batendo na testa como o grego quando proferiu «*Eureka!*»... — O senhor senta-se ali àquela mesa e escreve uma novela. Se for parecida com as que o célebre novelista publica, ponho-o em liberdade, se não me der essa prova concludente continuará preso por ter perturbado a calma deste burgo e ainda por usurpador e burlão.

O preso assim fez. Sentou-se à mesa e, decorrida uma hora, entregou a novela ao seu captor. Este leu-a admirado e disse para o boêmio:

— Sim, senhor! Não há que duvidar. É de facto o célebre escritor X.

Pode sair, mas a novela fica em meu poder.

Mas o que nos parece mais engraçado nesta história, é que decorridos dias, aparecia num jornalco da cidade a novela do célebre escritor X, tendo por baixo o nome inteirinho do captor.

Ignoramos se o autor lesado protestou contra a usurpação.

É de crer, porém, que o não tivesse feito.

Mais novela menos novela não era caso que alterasse a sua celebridade. Ao passo que o usurpador esperava conseguir a immortalidade — o que, felizmente, não conseguiu. E ainda bem!

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Falta de assunto

AQUI há uns anos um jovem que tentava o jornalismo queixava-se lamentosamente a um velho trabalhador dos jornais:

— Não há maneira de encontrar um tema de interesse para um artigo. Que falta de idéias e de assunto!

E o encanecido jornalista, com o amargo conhecimento da profissão, contestou-lhe:

— Que me diz? Não há assunto nem idéias? Ótimo! Pois vou dar-lhe um grande tema que lhe fornecerá matéria para um artigo brilhante.

— Qual? — Inquiriu o incipiente jornalista.
— Esse mesmo que lhe citei: a falta de assunto e de idéias. Pode servir-se dele para uma estreia brilhante — e está-lhe perfeitamente a «*calhar*».

Para além da sua época

George Elliot, pseudónimo literário da original romancista inglesa, foi na sua época considerada audaciosa não apenas nos motivos dos seus romances, como também na porção do realismo das personagens das suas obras.

Posto que nos seus livros hajam deliciosos passos poéticos, a clareza que punha nas almas desejosas de sonhos e de amor, levou muitos críticos de então a considerá-la estranhamente «*adiantada*» para o seu tempo.

O julgamento que então fora feito à sua obra enferrou de faliabilidade, como, aliás, falham mais ou menos as profecias.

George Elliot, de seu verdadeiro nome Mary Ann Evans Cross, foi humanamente da sua época, e ainda de hoje e, cremos, sê-lo-á de amanhã.

A ARTE E A ROTINA



AS curtas linhas que nos propoemos traçar dizem respeito a um camarada de trabalho, e não representam um favor. Os benesses são, habitualmente, concedidos a estranhos. Nós, porém, não seguimos o último costume — achamo-lo feio e indecoroso. Há um sentimento de que nunca nos arrependemos de o manifestar: é o da justiça.

Talvez o leitor esteja a interrogar-se sobre esta preclusão.

Descanse que a sua curiosidade breve será satisfeita. O facto nada contém de misterioso.

É simples e claro como um fio de água corrente.

O jornalista Redondo Júnior escreveu e fez representar no Teatro Avenida uma comédia. O caso, como notam, é vulgar. Qualquer pessoa pode escrever uma comédia e fazê-la representar sem que para tal haja de pedir consentimento seja a quem for. Claro que para isso é imprescindível, pelo menos, saber escrever e ter idéias. Bem sabemos, segundo temos ouvido, que há afamados escritores de teatro, que não têm justa noção daquelas aconselháveis qualidades. Muitas vezes o desconhecimento de rudimentares regras da escrita é virtude recomendável.

Redondo Júnior, pôs idéias e inteligência na sua peça. Deí haver surgido, timidamente, uma certa incompreensão a instilar-se, como tóxico, no julgamento de «*O Atravido*» — assim se chama a comédia em causa.

Nós achamos explicável certa maneira de apreciar e recordarmos que «*O Atravido*» não é título simpático a muitos, ou, pelo menos, a alguns; e não se impõe às pessoas cautelosas que se apavoram perante atrevimentos, mesmo que estes constituam modo expositivo de arte.

E Redondo Júnior sente repulso desde pela ainda endeusada matrona que dá pelo nome de Rotina.



A «*Jota*» do peixe na Ribeira

Vulgaridade

COMO se sabe, na Inglaterra e na América do Norte o nome de Smith é tão vulgar como, por exemplo, os são entre nós os de Maria ou de Lopes.

Certa vez em qualquer cidade inglesa foi multado um motorista por excesso de velocidade.

Interrogatório inevitável do agente:

— Como se chama?
— Smith. — Respondeu o autuado.

— Ora, ora. — Diz-lhe o agente — Isso é lá nome! Não tem outro?

— Pode pôr, por exemplo, William Shakespeare.

E o agente, satisfeito, concluiu:

Isso, sim! Já é um nome.

Regresso à terra

PELAS circunstâncias noticiadas nos jornais estrangeiros, sabe-se que algumas cidades atingidas pelos bombardeamentos se despoavam.

Há, inegavelmente, um motivo que justifique esse despoamento — o receio das ruínas e da morte. Mas não sentirão os homens a necessidade de uma carinhosa intimidade com a terra?

Não estarão eles a cumprir sob o terror da guerra a sentença optimista de que só o regresso à natureza e a comunhão das coisas simples pode pacificar as vidas cansadas e angustiosas?

"DEUS AJUDE A INGLATERRA"

DE RUY DE SEQUEIRA NAZARÉ

DEPOIS da Batalha de Inglaterra. Três horas da tarde. A cantina regorçita de jovens uniformizados, ostentando no peito as asas da R. A. F.

Por detraz do balcão, notam-se, de espaço a espaço, entre os aviadores que bebem e fumam, graciosos rostos femininos — são as repariças dos serviços auxiliares da WAAF.

No borbório que reina no ambiente, sobressai, ora aqui, ora ali, uma gargalhada ou uma canção entoada por um ou outro jovem mais bem disposto.

Custa a crer que estes sejam os homens que enfrentam a morte, noite após noite, sobre o território inimigo. Aceitam a ideia da morte com a mesma indiferença com que os civis pensam sobre a vida. Parecem tão calmos, tão bem dispostos, como se estivessem a disfrutar o intervalo de um espectáculo de teatro nos bons tempos da paz. No entanto, ninguém diria que na noite anterior, cinco deles haviam desaparecido para sempre, durante operações sobre o território holandês.

Peterceram em serviço. Pela Inglaterra. Pela humanidade. Pela liberdade.

Os companheiros dominam a saudade e o desgosto que lhes infunde a perda dos bravos camaradas.

Timidos perdais transformaram-se em águias. Águias que transportam nos seus bicos, não os mantimentos para os seus filhos, mas bombas de 2000 e 5000 quilos para aqueles que uma vez pensaram destruí-los.

Era dolorosa a morte dos cinco amigos. Sim. Mas eles haviam cumprido a sua missão. As bombas atingiram o alvo. Os rapazes deram ao mundo livre o que o mundo livre deles exigia. E mais um degrau, por pequeno que ele seja, foi transposto pelo Leão acossado — a velha Inglaterra — na imensa escadaria que conduz à liberdade e ao respeito mútuo entre os povos.

Eis por que estes rapazes não os lamentam. Pelo contrário, um deles ergue-se do assento, com um cálice de «brandy» na mão e propõe:

— Fellows, um brinde pela tripulação do «SWAN»!

Todos se levantaram silenciosos, e o companheiro proclamou em voz alta o nome dos caídos:

— George!

— Peter!
— Tom!
— Bill!
— Charles!
— Onde quer que estejais, repeti connosco a divisa da esquadilha!
«DEUS AJUDE A INGLATERRA A VENCER!»

As vozes ecoaram pela sala. Todos, incluindo as repariças, entre-olharam-se comovidos. Um silêncio de expectativa. Queria alguém dizer alguma coisa? Não. Os homens beberam.

— Que diabo tem o John, que parece tão contristado? — interrogou o jovem Witt, olhando os companheiros que o rodeavam, apontando a mesa próxima.

Alguém respondeu:

— Não se sabe bem, mas julgo que a Marion o trocou pelo chefe da esquadilha... coisa que o temperamento romântico do rapaz não está à altura de suportar.

— Mulheres... sempre mulheres!... Quando é que vocês se deixam de se preocupar com mulheres? Façam como eu...

Witt esboçou um gesto superior, como quem diz: «nunca me preocupo com elas; elas é que se batem por mim».

Os companheiros riram maliciosamente. Um deles cantarolou:

«Era uma vez uma pequena canadiana que tinha os olhos azues... Embeijou o nosso Witt... Embeijou o nosso Witt...»

Witt estava estupefacto. Como sabiam os amigos que ele ficara noivo de uma canadiana?

— Como diabo sabem vocês disso? — interrogou Witt, mal humorado.

— O destino, meu caro... o destino trouxe-me, uma bela tarde, a tua carteira às mãos... e muito me surpreendi quando deparei uma fotografia — e que fotografia! — com esta dedicatória muito feminina: «Ao meu querido Witt, da tua Manon!»

— Deves concordar, meu velho, que



MINHA SENHORA, GUIDE DA BÔA DIGESTÃO DE SUA FAMÍLIA...

Marido, filhos, pais idosos, todo êles, por êstes tempos de nervosismo podem sofrer, por vezes, de digestão difíceis. Não deixe de ligar im portância aos primeiros sintomas arróticos ácidos, sensações de queima dura, péso, dores de cabeça depois das refeições, insónias, etc. Descuidadas, essas perturbações de digestão, benignas ao principio cedo podem degenerar em dispepsia gastralgia e, algumas vezes, em ulcerações. Como nove vezes em cada dez o excesso de acidez é o causador da má digestão, a Magnésio-Bisurada, neutralizando-o em minutos, leva o estômago a funcionar de novo normalmente e prepara-o para a próxima digestão que, por sua vez, se fará sem do alguma. À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos a 18 900 e 22 900.

O POVO DA ILHA

(Conclusão da pág. 5)

um caso surpreendente e inédito, mas o povo inglês, com a sua maravilhosa calma, o seu imperturbável sangue-frio a sua penetrante reflexão adaptou-se logo varonilmente às circunstâncias. Nem pânico, nem lágrimas, como sucedeu a outros povos, num reflexo, digamos, de emoção natural. Ali, na Ilha, as massas inermes não debandaram, sob o terror da lava aérea. Sofreram e morreram no posto que a hierarquia social e as necessidades da guerra, impunham a cada individuo, homem ou mulher numa portentosa congregação de energias, parada cívica de fileiras cerradas que ainda hoje persiste — numa suprema atitude, consciente de força, de dignidade e de sacrificio. E tudo isso se conseguiu à inglesa, sem tropos inflamados, estimulantes artificiais, fantasmas internos ou externos e sem nunca diminuir os factores do perigo — realidades em vez de metáforas, o tonitruante e apavorante discurso substituído pelo ruído estrepitoso das oficinas, o ranger dos guindastes nos cais, a respiração arquejante dos altos fornos ou as ordens simples, das fórmulas algébricas, que levaram a aviação inglesa à vanguarda de todas as aviações.

John Smith, mineiro da hulha negra de Cardiff! O teu esforço foi recompensado. Não tarda que reacendas, pachorrentamente, o teu cachimbo e, lendo o Times, encontres, amanhã, quando repousares, graças à energia do teu braço e à clareza do teu pensamento — um mundo melhor, o mundo que, afinal, tu forjaste em cinco anos duma tarefa ingente!

Seja prático e económico

viage na C. P.

Informações — em todas as estações da C. P. — em Lisboa — no Serv. de Tráfego — 2 4031 — no Porto: — na Estação de S. Bento — Telef. 1 722

FRIGORIFICOS ELECTROLUX



Adquira já um frigorífico para que no verão e sempre possa gozar das vantagens de ter

COMIDAS Sãs e BEBIDAS FRESCAS

Vendas em prestações

PEÇA O CATALOGO dos vários tamanhos a

Electrolux Limitada
Avenida da Liberdade, 141
LISBOA

TEATRO DE CRIANÇAS

(Continuação da pág. 2)

señadas por George Cruikshank, o grande ilustrador das obras de Dickens. Ele e seu irmão Robert trabalharam para o Teatro Juvenil no principio da sua carreira, assim como William Blake, pintor e poeta místico.

Mas... estão contados os dias da pequena loja de Hoxton. As duas filhas de Pollock, Louise e Selina, hoje velhas damas de cabelos brancos, que herdaram o estabelecimento, decidiram retirar-se para o campo.

Felizmente, um entusiasta, Alan Keen, decidiu comprar todo o conteúdo da loja e projecta fazer reviver a indústria depois da guerra.

A QUINZENA DECISIVA

(Continuação da pág. 2)

Era a batalha aérea, prólogo indispensável da batalha terrestre, que se iniciava. Os centros de produção e de comunicações do inimigo começaram a ser objecto de ataques implacáveis e sistemáticos. Seis meses depois do seu inicio, a batalha aérea prossegue com uma energia crescente. Os seus efeitos estão à vista e ninguém duvidará de que eles contribuirão, poderosamente, para apressar a decisão.

Três meses depois começava a executar-se o plano das operações terrestres. Em 11 de Maio, o general Alexander desencadeava a sua grande ofensiva em Itália. Em 4 de Junho, os Aliados entravam em Roma. A campanha de Itália estava virtualmente terminada. Os Aliados, nesta altura, encaminham-se para o vale do Pó tendo libertado a quasi totalidade da península italiana. Dias depois da entrada em Roma criava-se a segunda frente com o desembarque em

fôrça na Normandia. A ocupação dos portos de Caen e Cherburgo deu aos Aliados a possibilidade de alimentarem essa frente sem restrições. Na mesma altura os russos desencadearam um ataque contra a Finlândia que lhes deu a posse do istmo da Carelia e do porto de Viborg e, em 23 de Junho, começavam a sua grande ofensiva de verão que os trouxe num mês às portas de Varsóvia. O plano assente em Teherão está a executar-se com uma exactidão sem precedentes. Os seus resultados são, por demais, evidentes. Dispensam comentários tal a eloquência dos factos referidos em comunicados das operações.

A última quinzena de Julho foi decisiva para a conclusão vitoriosa da guerra por parte das Nações Unidas. Avanços substanciais, em França, com rotura das linhas inimigas; progressão constante na Itália, onde, pode dizer-se, a campanha de Alexander está prestes a atingir o seu termo; e a leste, invasão da Prússia, com todas as suas conseqüências.

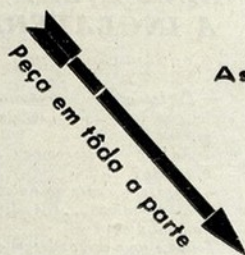
Os pintores britânicos

(Continuação na pág. 24)

quadros mais notáveis deve-se a Charles Cundall, representando a evacuação das praias de Dunquerque. Nenhuma fotografia poderia dar o dramatismo da tela de Cundall.

Outro quadro extraordinário é "O Mar Morto", de Paul Nash. O artista concebeu um vasto amontoado de bombardeiros inimigos abatidos no Outono de 1940. Para elle, essa massa tortuosa de metais conrrocidos afigurava-se-

LÂMINAS "BELZ" SUIÇAS



As melhores
para barbear

LAMINAS: "GRETA,"
"HELVETIA,"
"VELOX,"
"SWISS,"

REPRESENTANTES: Rua Nova do Almada, 46-1.º

VENDAS POR GROSSO

Telefone: 2 9879

lhe como um oceano de furiosas vagas negras e prateadas.

Outro artista, John Armstrong, simbolizou a sua fé no futuro, mesmo nos peores dias da Batalha de Inglaterra, pintando uma grande tulipa, que cresce serenamente no meio das ruínas.

Estes não são, porém, mais do que alguns entre os milhares de quadros de pintores britânicos nesta guerra.

Qual foi a reacção do público perante as experiências dos artistas, surpreendidos por novos temas? Incontestavelmente, observar-se-á, no fim da guerra, maior número de pessoas que amarão a pintura. Ainda que a National Gallery, de Londres, esteja privada, momentaneamente, das suas obras de arte, ali pode admirar-se, permanentemente, uma exposição de pintura de guerra. Quatro exposições ambulantes percor-

rem a Grã-Bretanha e outras foram enviados aos Estados Unidos, ao Canadá, à Austrália e à Nova Zelândia.

Muitos desses quadros de guerra foram, também, reproduzidos e publicados em brochuras. Outros, ainda, estão reproduzidos em postais a cores.

O interesse do público pelas coisas de arte foi demonstrado da maneira mais eloquente quanto a National Gallery organizou uma exposição de impressionistas franceses: ali acorreu compacta multidão, durante a semana que esteve aberta a exposição.

História duma estátua

(Continuação da pág. 21)

seu sonho enorme aquecia-o por dentro, na realidade da visão tangível. Um belo dia solicitou o auxílio da colónia americana de Paris. Os yankees pagavam o pedestal e os franceses a estátua da Liberdade. Vai a Nova York, onde, depois de numerosas e laboriosas demarches, que o desiludiram, consegue avistar-se com o rei do tabaco, o sr. Goldman. Como este não conseguisse acon-

A ARTE DE BRONZEAR

SEM QUEIMADURAS

Untando a pele com **Ambre Solaire** eliminará os raios solares que queimam, deixando, porém, passar os que trazem o bronzeado e a saúde. O

AMBRE SOLAIRE permite armazenar, em 15 dias, saúde para todo o ano.

O óleo solar filtrante **Ambre Solaire**

vende-se nas perfumarias e cabeleireiros. Pode ser requisitado aos concessionários J. D. L., rua d'Assunção, 89-2.º LISBOA



der o seu magnífico charuto, o escultor ofereceu-lhe, modestamente a sua caixa de fósforos.

— Que pensa, o sr. Goldman, do meu projecto?

— Da sua estátua? — e encolheu os ombros, envolvendo-se numa nuvem de fumo.

— Já sei! Não se defenda sr. Goldman. Considera-o, como os seus e meus compatriotas, quimérico, impossível, fantástico, grotesco!

— Pelo contrário! É formidável! Admiro, como americano, os homens que vêem as coisas em grande!

— Mas custaria milhões!

— Arranjam-se!

Mas não foi ainda daquela vez, que o escultor conseguiu capitais para a obra. Somente meses mais tarde, em Paris, o escultor soube de que uma subscrição nacional fóra votada pelos Estados Unidos, para a construção da formosa estátua. O seu sonho tornara-se, enfim, um facto. A inauguração realizou-se, finalmente, em 28 de Outubro de 1886, na presença de uma multidão de dez mil pessoas. Serviu de modelo à figura da Liberdade, Joana Buyeux de Puyieux, que mais

tarde devia casar com Bartholdi, no Canadá. O escultor morreu em 1904. Numa das pontes de Paris existe uma réplica da estátua. A chama da de Nova York, que fóra apagada depois de Pearl Harbour, voltou a brilhar, como um símbolo — iluminando a imagem da grande nação americana!

«DEUS AJUDE A INGLATERRA»

(Continuação da pág. 28)

— É francesa? — preguntou um jovem que, interessado, seguia a conversa.

— Ah! ? — interrompeu o outro

— Francesa?

— Digo, por causa do nome...

— É canadiana... já disse. Há algum mal nisso?

— Todos a uma responderam que não.

Subitamente, o alto-falante anunciou:

ATENÇÃO! DIRIJAM-SE TODOS A SALA DE OPERAÇÕES, VÃO RECEBER ORDENS!

Um ruído de cadeiras afastadas já não de xou ouvir a repetição do aviso. Os aviadores correram para a porto.

— Cá vamos nós.

— Cheery Oh!

— Good luck!

No dia seguinte, à mesma hora.

O mesmo borborinho na cantina.

As mesmas gargalhadas e, de quando em quando, o mesmo cantarolar de uma cançoneta em voça.

Na noite anterior perdeu-se a tripulação do «KAY». Morreram todos. O aparelho, atingido junto do depósito de gasolina, incendiou-se sem dar tempo a que os rapazes saltassem de paraquedas.

Uma voz, grave e comovida, assim falou:

— Gentlemen, um brinde pelos «cavaleiros» do «KAY»!

E perante bocas emudecidas, olhares distantes, ouviram-se os nomes:

— John!

— Barney!

— Witt!

— Spencer!

— Frank!

— Onde quer que estejais, repeti connosco a divisa das nossas asas: **DEUS AJUDE A INGLATERRA A VENCER!**

Como se veste Portugal

(Continuação da pág. 13)

e no talhe das suas roupas garridas, qualquer coisa semelhante a um brasão em que há motivos inspiradores de sol e símbolos alegres de cantigas.

E quando as admiramos cheias de graça natural, não podemos deixar de comentar para nós mesmos: como é apagada a fantasia dos grandes costureiros de Paris, tornando as senhoras manequins, confrontando-a com o inimitável poder de encantamento posto pelas nossas raparigas do campo nos seus inconfundíveis trajes.

CAMBRIDGE

(Continuação da pág. 14)

Seus membros seguir os cursos universitários.

Após sucessivas reformas, a Universidade, encarrega-se, actualmente, sobretudo, da organização dos cursos e da educação sob todos os aspectos, teóricos e práticos, enquanto que os colégios se ocupam das disposições relativas ao alojamento, à alimentação e à vigilância dos estudantes.

EXCESSO DE ACIDO



NEUTRALIZADO POR RENNIE

Está mal se o seu estomago segrega de mastado ácido. Sobe-lhe a garganta dá-lhe mau gosto de boca, dá-lhe a sensação de queimadura e produz dores no peito e nas costas.

Há, porém, um bom remédio para acabar com o ácido do estomago. Tomadas duas pastilhas Rennie. Chupe-as com caramelos, ambas ao mesmo tempo. Rapidamente sentirá alívio. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o ácido, absorventes que reduzem o azed e fermentos que activam a digestão. Rennie entra imediatamente em acção, pois chega ao estomago antes da sua força que não é diluída na água.

As farmácias vendem Pastilhas Rennie. Compre algumas ainda hoje.

VINHOS DE XEREZ

Da casa **R. C. Ivison**

AMONTILLADO
Muito velho e sêco
— VOX —
<Very old Xerez>

Da casa **Williams & Humbert**

DRY SACK
— Velhíssimo —

AGENTES:
Guilherme Graham Júnior & C.

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA
Telefone 2 0066/9

Rua dos Clérigos, 6
PORTO
Telefone 880/1

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarinas

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada
RUA DA PRATA, 237
LISBOA



mento, à alimentação e à vigilância dos estudantes.

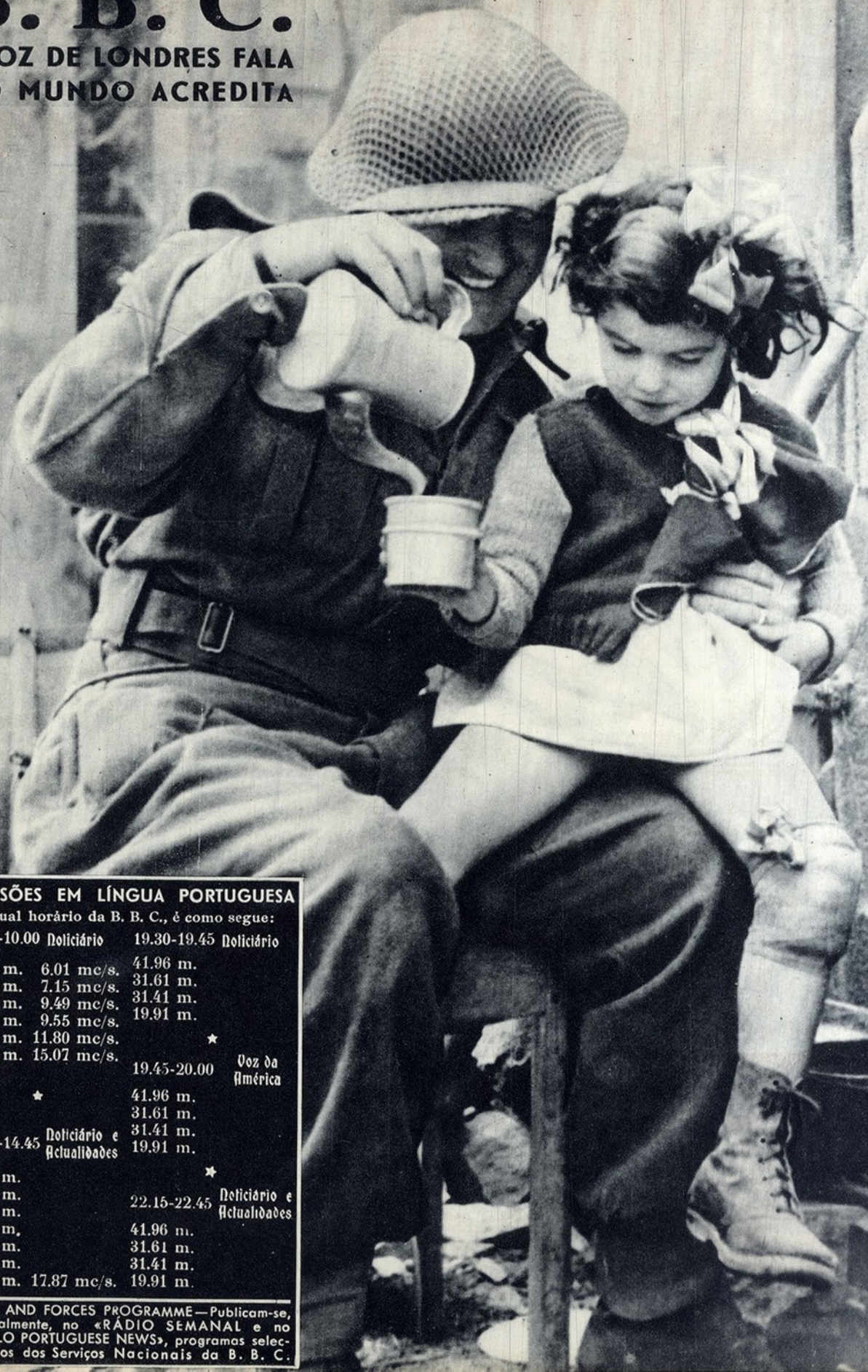
Cambridge está a cêrca de uma hora de caminho de ferro de Londres. Assim, muitos ministros, membros do Parlamento, personalidades dirigentes da igreja, da indústria e das organizações sindicais vão à Universidade pronunciar conferências.

Abandonando Cambridge, um jovem que tenha tirado todo o partido das oportunidades que se lhe ofereceram, é um homem preparado, física e intelectualmente, para a vida.

H. S. BENNET

B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA
E O MUNDO ACREDITA



EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

O actual horário da B. B. C., é como segue:

09.45-10.00	Noticiário	19.30-19.45	Noticiário
49.92 m.	6.01 mc/s.	41.96 m.	
41.96 m.	7.15 mc/s.	31.61 m.	
31.61 m.	9.49 mc/s.	31.41 m.	
31.41 m.	9.55 mc/s.	19.91 m.	
25.42 m.	11.80 mc/s.		
19.91 m.	15.07 mc/s.		
		19.45-20.00	Voz da América
		41.96 m.	
		31.61 m.	
		31.41 m.	
14.15-14.45	Noticiário e Actualidades	19.91 m.	
49.92 m.			
41.96 m.			
31.61 m.		22.15-22.45	Noticiário e Actualidades
31.41 m.		41.96 m.	
25.42 m.		31.61 m.	
19.91 m.		31.41 m.	
16.79 m.	17.87 mc/s.	19.91 m.	

HOME AND FORCES PROGRAMME—Publicam-se, semanalmente, no «RÁDIO SEMANAL» e no «ANGLO PORTUGUESE NEWS», programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.

MUNDO GRÁFICO



O HUMOR INGLÊS

Uma bomba voadora destruiu a casa a este bravo londrino, que nem por isso perdeu o seu optimismo